

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA
20 de Fevereiro de 2024

CE JOUR-LÀ / 2003
(Aquele Dia)

Um filme de Raúl Ruiz

Realização e Argumento: Raúl Ruiz / Direcção de Fotografia: Acácio de Almeida / Direcção Artística: Bruno Beaugé / Música: Jorge Arriagada / Som: Henri Maikoff e Arnaud Trochu / Montagem: Valeria Sarmiento / Interpretação: Elsa Zylberstein (Lyvia), Bernard Giraudeau (Pointpirot), Jean-Luc Bideau (Raufer), Jean-François Balmer (Treffle), Christian Vadim (Ritter), Laurent Malet (Roland), Rufus (Hubus), Féodor Atkine (Warff), Edith Scob (Leone), Hélène Surgère (Bernadette), Michel Piccoli (Harald), etc.

Produção: Gemini Films – Light Night / Produtores: Paulo Branco e Patricia Plattner / Cópia 35mm, colorida, falada em francês com legendas em português / Duração: 105 minutos / Estreia em Portugal: Nimas, a 8 de Abril de 2004.

“Aquele dia” é uma maneira de começar a contar uma história, um pouco como um “era uma vez”, e é evidente que contar histórias, e histórias sobre histórias, e histórias incrustadas noutras histórias, é um dos principais interesses, e porventura o principal prazer, de Raúl Ruiz. Um bocadinho por sugestão deste título, mas uma sugestão bem sustentada quer por este filme quer por quase todos os restantes filmes de Ruiz, aparece a tentação de o aproximar de outros grandes *contadores*, cineastas para quem a efabulação é uma forma de realidade e porventura a única forma de realidade, como Alain Resnais (cineasta do “ou então”) ou Jacques Rivette (cineasta do “mas, no dia seguinte”).

Ce Jour-Là, cuja história não se passa em nenhum dia específico nem sequer num só dia, contém logo ao princípio outra variação sobre uma fórmula consagrada de pôr uma narrativa em contexto, ao mesmo tempo muito precisa e muito vaga: uma legenda vem informar-nos de que o que vamos ver se passa “na Suíça, num futuro próximo”. Informação completamente irrelevante, como é evidente, pouco importando que a história se passe na Suíça (e passa, foi o local de rodagem do filme, co-produção franco-suíça com dedo português – Paulo Branco como co-produtor, Acácio de Almeida na fotografia) ou num “futuro próximo” que pela codificação de tudo, e em particular dos comportamentos de classe, se parece bem mais com um passado mais ou menos distante. Mas são as artimanhas de Ruiz, quase literalmente e muito literariamente os “gags” de Ruiz, sempre a atirar a sua realidade para uma realidade meramente ficcional, os sinais veristas usados, por contraste, como maneira de vincar e justificar a irrealidade de tudo aquilo que há para ver. Aceitando isso, o espectador predispõe-se a aceitar tudo, a entrar num esquema em que a narração está sempre a pôr-se numa perspectiva superior à coisa narrada (o que também, num reverso da medalha, é o que faz incorrer sobre estes Ruizes do período final o perigo da irrisão, do vale tudo, e o cansaço que

isso pode induzir no espectador: quanto mais as peripécias se acumulam e se enrolam umas nas outras, ou não enrolam e ficam só como *non sequitur*, mais o efeito pode tender para a indiferença – mas bom, se se quer ter o outro lado da medalha é fatal ter que ficar também com o seu reverso).

É um mundo mágico, quase de fadas (e quase uma fada é a etérea personagem de Elsa Zylberstein), mas também violento e mesquinho, com serial killers (Bernard Giraudeau) e complots colectivos (um toque propriamente rivettiano, neste caso). Ruiz plana sobre a história com total liberdade, diverte-se, delira, distorce a percepção da própria câmara (as cenas em que a objectiva se deixa tomar por uns efeitos muito *vertigo*), saboreia os gags completamente absurdos que muitas vezes parecem ser o que realmente lhe interessa – quase todas as cenas no restaurante abundam em pormenores divertidos, e mesmo o que é absurdo comporta uma dimensão caricatural como observação dos hábitos e manias da burguesia provincial (sendo este, de resto, um filme que alguns comentadores aproximaram de uma paródia chabroliana, notando a partilha de elementos, nomeadamente a cupidez burguesa e a vontade de assassinato). Os actores são impecáveis, todos simultaneamente dentro e fora das personagens (também eles “planam” sobre elas, numa comunhão perfeita com o espírito ruiziano), e na verdade, sobretudo os secundários (Scob, Piccoli, a rara Héléne Surgère, Féodor Atkine), compõem uma belíssima colecção de presenças especialmente *auráticas*. Também vem deles o prazer que se pode extrair do visionamento de **Ce Jour-Là**.

Luís Miguel Oliveira